

## A morte, os mortos, o julgamento e a salvação no Egito Antigo

*The death, the dead, the judgment and the salvation in Ancient Egypt.*

### RESUMO

Difícil apontar outra civilização dentre os povos da Antiguidade com tamanho interesse pelos mistérios da morte como a egípcia. Ali foi desenvolvida uma tradição peculiar e imemorial acerca da morte e do morrer. O Livro dos Mortos, conjunto de textos anônimos de intenso valor para os antigos egípcios, organizado em 1842 pelo egiptólogo alemão Karl Richard Lepsius, destinava-se não só aos mortos, mas também aos iniciados nos rituais religiosos e nos conhecimentos da morte, bem como aos desejosos de saber como iniciar-se em tais ofícios. O objetivo do nosso trabalho é compreender a questão da morte, dos rituais e/ou celebrações em torno do morto no Antigo Egito, tendo como principal fonte o Livro dos Mortos, a fim de identificar de que forma as concepções sobre a morte e os rituais de celebração ao morto podem ser considerados elementos essenciais para a busca de harmonia entre aqueles que ficavam e os que partiam em sua viagem rumo ao Além-túmulo; uma viagem vista como cheia de perigos e obstáculos e que, exatamente por este motivo, precisaria ser bem conduzida.

**Palavras-chave:** Morte – Rituais da Morte – Livro dos Mortos – Além-túmulo – Egito Antigo

### ABSTRACT

It is difficult to point out another civilization among the peoples of antiquity with as much interest in the mysteries of death as the Egyptian, who developed a peculiar and immemorial tradition of death and dying. The Book of the Dead, a collection of anonymous texts of great value to the ancient Egyptians, organized in 1842 by the German Egyptologist Karl Richard Lepsius, was intended for the dead, but also for initiates in religious rituals and knowledge of death, as well as those desirous of knowing how to begin in such offices. The purpose of our work is to understand the question of death, rituals and / or celebrations around the dead in Ancient Egypt, having as its main source the Book of the Dead. We present death, as well as the rituals of celebration to the dead, as essential elements for harmony between those who stayed and those who left on their journey to the Beyond-tomb. A journey full of dangers, obstacles, and that, precisely for this reason, needed to be well conducted.

**Keywords:** Death – Rituals of Death – Book of the Dead – Beyond the Tomb – Ancient Egypt

\* Doutor em História pela Universidade de Lisboa, Portugal. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral-CE, Brasil. É líder do GERAM - Grupo de Estudos em Residualidade Antigo-Medieval e pesquisador do LABHAM - Laboratório de História Antiga e Medieval, ambos vinculados ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). CV: <http://lattes.cnpq.br/1886044779483892>

\*\* Doutorando em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza-CE, Brasil. Atualmente é Bolsista FUNCAP. Pesquisador do GERLIC - Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural (Dep. Letras - UFC) e do GERAM - Grupo de Estudos em Residualidade Antigo-Medieval (Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA). CV: <http://lattes.cnpq.br/7287418515059707>



**M**uito provavelmente por influência direta da relação desenvolvida com o Nilo, a tradição egípcia vinculou o ritual da morte a imagens de um Além-túmulo estreitamente ligadas ao universo aquático. A Barca de Ra, várias vezes citada no Livro dos Mortos,<sup>1</sup> “conduzia o deus Ra, personificação do Sol, através do espaço, de dia, do Oriente para o Ocidente, e por misteriosas regiões à noite”.<sup>2</sup> Ao que parece, para garantir a vida para além desta, os defuntos do Antigo Egito também deveriam experimentar uma jornada náutica, uma vez que o Livro dos Mortos seria, pois, também, um guia tanto para fazer a travessia como para subir na Barca Celeste.<sup>3</sup>

Convém destacar, portanto, o sentido simbólico da Barca. De acordo com Mircea Eliade (2010), Brancaglione Jr. (1994), Lange (1961), Kemp (1996) e David (2011) na jornada para o Além-mundo, a barca representava a suprema proteção e salvação. E é exatamente esse sentido de travessia segura que salta aos olhos quando lemos a invocação à Barca de Ra, no capítulo CII do Livro dos Mortos:

*Salve, oh! Grande divindade, que navegas em tua Barca! Transpondo até aqui, diante de ti, compareço. Deixa-me subir à ponte de comando e dirigir a manobra da Barca, como fazem teus servidores, os Arcontes dos Planetas... (Não! Não! Não! Essas imundices eu não como! Só tocá-las com minhas mãos ou pisá-las com minhas sandálias, me causa asco e horror!). Pois as oferendas sepulcrais não me faltam: meus pães são feitos de trigo branco; minha bebida extraída do trigo vermelho! Ah! Os barcos trazem minhas oferendas, ei-las aqui! E estas oferendas são colocadas sobre o altar de Heliópolis. Glória ao Olho divino, o que percorre o Céu! Se os Espíritos-Cães me atacarem, eu saberei defender-me! Eis que avanço e tiro esse deus das mãos dos meus inimigos que causam dano ao seu dorso, a seus braços e a suas pernas. Eu circulo na Barca de Ra e os desígnios deste deus são minha única lei.*<sup>4</sup>

Para ser admitido na Barca, o morto deveria ter cumprido todas as purificações rituais. É importante salientar, como apontam os estudos de Kemp (1996) e David (2011), que o condutor da barca acumulava o poder de juiz, sendo ele o responsável por julgar quem pode, ou não,

<sup>1</sup> Encontrado durante a Campanha do Egito (1798-1801), liderada por Napoleão Bonaparte, a fonte aqui estudada viu a luz dos nossos dias pela primeira vez sob a forma de edição fac-similar, vindo, inclusive, compor o segundo volume da *Description de l'Égypte*, documento publicado entre 1809 e 1829. A primeira tradução registrada do material foi realizada pelo egiptólogo alemão Karl Richard Lepsius (1810-1884), publicada em 1842. Seguiram essa primeira tradução alemã três edições em inglês: a de Birch, de 1867; a de Le Page Renouf, de 1897 (inconclusa); a de W. Budge, de 1898. Também dos idos oitocentistas temos a versão francesa de P. Pierret (1882) e, já no século XX, outra versão francesa, advinda do esforço de Gregory Kolpaktchi, veio em 1954. Convém também citar a edição espanhola, saída da pena de Juan Bergua e impressa em 1960. Por fim, tendo como base o artigo de Brancaglione Jr. (2009), intitulado “O livro dos Mortos do Antigo Egito”, podemos ainda citar outras traduções mais atualizadas e de relevância para os estudos sobre o referido livro, como: Thomas George Allen (1974), Paul Barguet (1972-1974), Jean-Louis de Cenival (1992) e Erick Hornung (1979). Embora as traduções brasileiras não estejam à altura das demais aqui citadas, haja vista que nenhuma delas utiliza como fonte principal o texto original egípcio, assumimos o risco. Neste artigo adotamos a tradução de Edith Carvalho Negraes (publicada em 9ª edição, pela 18ª reimpressão saída das máquinas da editora Hemus, de São Paulo, no ano de 2005). A fonte em questão tinha por objetivo, conforme apresentaremos, auxiliar na condução da alma do defunto pelo Além-túmulo.

<sup>2</sup> *Livro dos Mortos*. Tradução de Edith de Carvalho Negraes. 9ª edição. 18ª reimpressão. São Paulo: Hemus, 2005, p. 245. Doravante, será referida aqui nas notas de rodapé apenas pelo título da obra aqui apresentada.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> *Livro dos Mortos*, p. 116-117.

entrar na Barca de Ra. O exposto até o presente passo extrapola as dimensões do Livro dos Mortos, podendo ser verificado também no Livro de Amduat,<sup>5</sup> outra importante fonte para a compreensão dos mitos e rituais egípcios que cercam a dimensão do pós-morte, bem como no Livro dos Portões,<sup>6</sup> uma versão ou variação do Livro de Amduat.

Entretanto, quando nos referimos ao Antigo Egito, logo voltamos nossa imaginação para as diferentes divindades ou deuses egípcios, sobretudo a figura dos faraós e seus túmulos erguidos de forma imperiosa, com grande riqueza de detalhes, ousadia, muito ouro e objetos que reluziam. Conforme Mircea Eliade (2010), o faraó era uma espécie de “mortal divinizado na terra”; era a encarnação de *ma`at*, termo que, segundo o autor, “se traduz por verdade, mas cuja significação geral é a boa ordem, e, conseqüentemente, o direito, e a justiça”. (Eliade, 2010, p. 92). Sendo considerado um ser de extrema grandeza, “sua morte, significava somente uma transladação ao Céu. Estava assegurada a continuidade de um deus encarnado para outro deus encarnado e, conseqüentemente, a continuidade da ordem cósmica e social”, uma vez que o faraó estava diretamente ligado ao estabelecimento do Estado unificado, que equivalia a uma cosmogonia, ou seja, a uma tradição religiosa, que tinha suas raízes, supostamente, no mito de Menés,<sup>7</sup> provavelmente o primeiro soberano do Egito Antigo. (Eliade, 2010, p. 92).

Na religião egípcia, segundo David (2011), a maioria dos deuses eram representados de forma híbrida (metade humana e metade animal) e com quase todos os vícios e/ou paixões humanas. Além disso, segundo a mitologia egípcia, conforme escrito no Livro dos Mortos, os deuses estavam “sujeitos ao nascimento, crescimento, amor, nutrição, envelhecimento e morte”.<sup>8</sup> Ainda segundo a mesma fonte, encontramos relatos de “almas de defuntos voltando e dando graças ao seu saber mágico, sentindo-se felizes ao lado de divindades já envelhecidas”.<sup>9</sup>

Margaret Marchiori Bakos (1994) nos ensina que os antigos egípcios manifestavam a finitude da vida humana com extrema clareza nas decorações das tumbas e em vários textos. Os egípcios viam os mortos como entidades com sabedoria e poderes capazes de iluminar a vida dos vivos; não havia neles uma essência maligna, muito embora o mal também pudesse provir do mundo dos mortos. Os defuntos agiam como os vivos, “morando em tumbas como se fossem suas casas terrenas”. (Bakos, 1994, p. 15). Sendo assim, é possível observar uma relação estreita dos mortos com os vivos e vice-versa. Em consonância com Bakos, Antônio Brancaglioni Júnior (1994), afirma:

<sup>5</sup> O *Livro de Amduat* encontrado na sua completude pela primeira vez na tumba de Tutmés III, no Vale dos Reis, conta a viagem/travessia de Ra pelo submundo dos mortos. Conforme a obra, o submundo era dividido em 12 horas e Ra teria que enfrentar todas as noites uma grande batalha contra a serpente do caos, Apópolis e, assim, reaparecer no dia seguinte, em pleno horizonte, como vencedor desta batalha. O *Amdat* revelava ainda detalhes importantes do que o deus Ra iria encontrar em sua jornada/travessia pelo mundo das trevas - os diversos demônios, deuses bons e deuses ruins. Ainda segundo o *Amduat*, o deus Ra possuía duas barcas solares: Mandjet, utilizada para atravessar o céu; Mesektete, barca que fazia a travessia de Ra pelo submundo (Quesnel, 1993).

<sup>6</sup> Surgido durante o reinado de Horemheb (1321-1293 a. C.), o *Livro dos Portões*, além da ideia das doze divisões da noite representadas separadas por um portão, adiciona a sala do tribunal de Osíris, na última hora antes do nascimento do sol; lugar onde a Alma será julgada. (Brancaglioni Jr., 1994, p. 30).

<sup>7</sup> Não se sabe ao certo a história de Menés, pois aqui mito e realidade se entrelaçam. Ele teria vindo, supostamente, do Sul; seria obra sua a construção da nova capital do Egito, concentrando os poderes administrativos em Mênfis, nas proximidades da atual cidade do Cairo. Foi lá que celebrou pela primeira vez a cerimônia da coroação. Mais tarde e durante mais de três milênios, os faraós foram coroados em Mênfis. (Eliade, 2010, p. 92).

<sup>8</sup> *Livro dos Mortos*, p. 11.

<sup>9</sup> Idem.

*Os egípcios souberam elaborar um sistema orgânico de crenças e de práticas relativas à morte cujo objetivo essencial era minimizar o impacto da morte sobre a sua sociedade, limitando-a a um fenômeno que interrompe provisoriamente a existência dos indivíduos, incidindo somente sobre a sua aparência, isto é, no seu receptáculo físico (carnal). Em torno desta concepção central de crenças distintas uniram-se a um imaginário capaz de aceitar a morte, neutralizando-a e ordenando-a com rituais e símbolos. (Brancaçlion Jr., 1994, p. 25).*

Em seus estudos sobre os mortos no Antigo Egito, Margaret Bakos (1994) informa sobre cartas enviadas dos vivos para os mortos, um aspecto no mínimo peculiar desta sociedade tão vinculada com o sobrenatural.

Lembremos Lange (1961) e tenhamos em mente que as cartas refletem melhor que qualquer outra fonte a alma de uma civilização ou de um indivíduo. Na visão do autor, as cartas podem ter cunho pessoal ou impessoal, mas “seu assunto eterno é o homem, seus desejos e seus temores, suas paixões e suas virtudes” (Lange, 1961, p. 233).

Parte dos autores do epistolário aos mortos era de homens simples, cujas preocupações respeitavam detalhes de ordem material e que escreviam a seus parentes, amigos, superiores ou subordinados. (Lange, 1961, p. 232-233). Margareth Bakos (1994) ainda refere que as primeiras cartas circularam entre os VII e XI a.C. “Ao longo do Primeiro Período Intermediário do Império Egípcio e no decorrer das dominações persa e greco-romana, elas foram muito populares”. (Bakos, 1994, p.16). Para Lange (1961), a fase clássica das cartas circula entre os anos 1293 e 1185 a.C, inscritas, portanto, na XIX Dinastia, inaugurada com Ramsés I e finalizada no governo de Tausert. Leiamos, conforme aponta Bakos (1994), a carta de uma mulher (Irt) para o marido morto (Sankhenptah):

*Possa Ra, Senhor do Ocidente, e possa Anubis, Senhor dos Mortos, ajudá-lo, como nós ambos desejamos. Esta é para lembrá-lo do fato de que um agente de Behezi veio buscar couro enquanto eu estava sentada ao seu lado, quando Iy, o filho de Irti (isto é, meu) foi forçado a afirmar pelo agente de Behezi que você tinha dito, “Mantenha-o escondido por medo de Iy o mais velho! Possa a madeira desta cama que me suporta apodrecer se o filho de um homem for privado do mobiliário de sua casa.” Na verdade, a mulher Wabut veio junto com Izezi, e eles juntos devastaram a sua casa. Era com o fito de enriquecer Izezi que ela removeu tudo o que tinha aqui, ambos desejando empobrecer o seu filho e enriquecer o filho de Izezi. Ela levou Iazet, Irti, e Amankhi de você, e ela está levando embora todos os seus criados pessoais depois de tirar tudo o que havia na sua casa. Você pode ficar calmo com tudo isso? Eu preferia estar ao seu lado a ver o seu filho dependendo do filho de Izezi. Estimule seu pai Iy contra Behezi! Insurja-se e apresse-se contra ele! Você sabe que eu tenho vindo para você aqui para que disputa com Behezi e com Ananki filho de Aai. Levante-se contra eles, você e também seus pais, seus irmãos, seus parentes e derrubem Behezi e Anankhi, o filho de Aai. Lembre o que você disse para o Iy filho de Irti (isto é, meu) “são as casas dos ancestrais que devem ser mantidas”,*

*quando você também disse “é a casa de um filho e depois a casa de seu filho”. Possa o seu filho manter sua casa como você manteve a casa de seu pai. O filho de Irti e de Sankhenptah – Yi – é o responsável pela mensagem de conclusão missiva: - “o Sankhenptah, meu pai, possa agradecer-lhe ter Ini sido encarregado por você de retomar a posse da casa de Anankhi, nascido para Wabut”. (Bakos, 1994, p. 16).*

Segundo Bakos (1994, p. 16), essas mensagens eram geralmente escritas em grafia cursiva hierática, encontradas em papiros, estelas ou vasilhas, as quais eram “depositadas nas tumbas dos mortos” junto com as oferendas. Tal como exposto no exemplo acima, os vivos pediam aos mortos vinganças ou proteção; reclamavam; pediam perdão; pediam para influenciar acontecimentos; pediam auxílio para disputas entre os próprios vivos etc. “Todas as cartas apresentam uma temática instigante e reveladora dos sentimentos humanos”. (Bakos, 1994, p. 16).

As fontes acima apresentadas reforçam a proposta de “um laço ideológico forte entre os vivos, os mortos e a terra”, defendida por Marcelo Campagno (2011, p. 27). Indicam, ainda, a valência dialética estabelecida entre vida e morte, elegantemente resumida por Sergio Donadoni nas sintéticas observações: “morrer é um momento da existência” e “‘Ser’ quer dizer ‘viver’ e é, por isso, o pressuposto do ‘morrer para viver’” (Donadoni, 1994, p. 218).

Brancaglioni Jr. (1994), por outro lado, informa que os egípcios não possuíam divindades diretas que pudessem representar a morte. Entretanto, a morte estava ligada ao sono, à noite ou a expressões e ideias ligadas ao silêncio, ao sofrimento, às doenças e às guerras. Na maioria das vezes, era descrita como “a enviada pelos mensageiros de Sekhmet”, aqueles que “trazem o sopro da morte em oposição ao sopro da vida”. Para eles, a morte era um evento caracterizado por diferentes fatos, pois “estar morto é o estado de privação do sopro da vida”; estar morto, também, era “estar privado do uso de seus membros”, ou seja, era estar imóvel. (Brancaglioni Jr., 1994, p. 26).

De todas as formas de referência à morte, conforme aponta Brancaglioni Jr. (1994, p. 26), a mais antiga e que tem maior frequência nos estudos relativos ao assunto, é a ideia de que ela “é um instante de passagem”, no qual o morto parte desta vida para a outra. Não se trata, contudo, de um simples cadáver errante sem destino, mas de outra tipologia de vivente, deslocando-se “conforme a sua vontade e seu senso de orientação”.

Entretanto, como indica Donadoni (1994, p. 219), as fórmulas mágicas contidas nos Textos das Pirâmides,<sup>10</sup> por exemplo, deveriam ser proferidas com rigor, a fim de “impedir que o morto caminhe de cabeça para baixo, beba a sua urina e se alimente com seus excrementos”.

<sup>10</sup> Segundo Mircea Eliade, o Livro das Pirâmides exprime “quase exclusivamente as concepções relativas ao destino do rei depois da morte. A maioria dos enunciados repete com ênfase que o faraó, filho de Atum (Ra), gerado pelo grande deus antes da criação do mundo, não pode morrer ou que não poderá sofrer decomposição. Entretanto, a maioria dos enunciados alude à viagem celeste do faraó. Ele voa sob a forma de uma ave – falcão, garça-real, ganso-selvagem; de um escaravelho ou gafanhoto. Os ventos, as nuvens e os deuses devem acorrer em seu auxílio. Às vezes, o rei sobe ao céu por uma escada. Durante sua ascensão, o rei já é um deus, de essência totalmente diversa da raça dos homens. Contudo, antes de chegar no céu, no Oriente, denominada “Campos das Oferendas”, o faraó tinha de passar por certas provas. A entrada era protegida por um lago de contornos sinuosos e o barqueiro tinha o poder de juiz. Para ser admitido na barca era necessário cumprir todas as purificações rituais e, sobretudo, responder a um intenso interrogatório de estrutura iniciatória. Tendo chegado ao céu, o faraó era triunfalmente recebido pelo deus-sol. O rei prolongava no céu sua existência terrena. Sentado no trono, recebia as homenagens dos súditos e continuava a julgar e dar ordens (Eliade, 2010, p. 100-101).

Assim, podemos perceber que, de fato, o Duat (mundo dos mortos) é o espaço de inversão por excelência do Kemet (mundo dos vivos). Aliás, confirmando essa ideia, lemos nos Textos das Pirâmides que aquilo que foi, volta; o que dorme, desperta; o morto, (re)vive.<sup>11</sup> Mas apesar de inversos entre si, os espaços não eram indissociáveis, pelo contrário, eram complementares. Mais uma vez valendo-nos das leituras de Brancaglion Jr. (1994, p. 26-27), chamamos atenção para a seguinte passagem, selecionada pelo autor nos Textos das Pirâmides: “tu não partiste como um morto, tu partiste como um vivo”.

Existia, todavia, algo na experiência da morte que inquietava os antigos egípcios: a putrefação do corpo. No capítulo XLV do Livro dos Mortos podemos ler a seguinte fórmula:

*Oh! Tu, imóvel e inerte como Osíris, cujos membros estão gelados, sai de tua imobilidade, para que teus membros não apodreçam! Para que não se separem de teu corpo e te abandonem! Que meu corpo não apodreça! Pois eu sou Osíris...*<sup>12</sup>

Diante do exposto, ressaltamos que o processo de mumificação era visto como uma espécie de preservação do corpo; um processo que prolongava o corpo humano, fazendo-o vencer a ação degradatória do tempo. Graças ao desenvolvimento de um conhecimento médico sofisticado, à compreensão avançada da manipulação de essências balsâmicas e ao desenvolvimento das técnicas de embalsamento, tudo envolve numa sacralidade visceral, os egípcios fizeram-se mestres na arte da conservação dos mortos.<sup>13</sup>

Para Spencer (1982), o processo de mumificação ocorria de forma natural, associado a diversos fatores: no solo egípcio havia grande concentração de sal; os antigos egípcios enterravam seus mortos em sepulturas simples e rasas em pleno deserto, longe do rio Nilo. Assim a falta de umidade e as bactérias provocavam o que poderíamos chamar de mumificação natural. Esse processo ocorreu por volta do período pré-dinástico, 3100 a.C. No início da primeira dinastia, os antigos egípcios desenvolveram as primeiras tentativas de uma técnica artificial de preservação do corpo. Eles usavam bandagens embebidas em resina para manter uma aparência evidente de vida, moldando-se, cuidadosamente, à forma do corpo, reproduzindo assim, características individuais do morto. Mas foi somente na quarta dinastia, segundo os estudos de Spencer (1982), que os egípcios desenvolveram técnicas mais avançadas de preservação do corpo — extração das vísceras, fígado, intestino, estômago. Com o passar do tempo, as práticas de preservação do corpo humano se aperfeiçoaram cada vez

<sup>11</sup> Texto das Pirâmides, 2003, p. 678. Seguimos os *Textos das Pirâmides* em tradução, notas e comentários cuidadosos por Francisco Rosa Lopes Thode. Nossa notação registra, após a referência abreviada da obra, a *declaração* e o *passo* colhidos na fonte analisada. O referido estudo crítico do texto está disponível e pode ser consultado em: <<http://www.egiptologia.org/pdfs/LosTextosdelasPiramides.pdf>> *Los Textos de las Pirâmides*. Traducción Francisco Lopez y Rosa Thode. Madrid, 2003. Disponível em: <http://www.egiptologia.org/pdfs/LosTextosdelasPiramides.pdf>. Acesso em: 25/10/2017.

<sup>12</sup> *Livro dos Mortos*, p. 62.

<sup>13</sup> Não seria forçoso estender a necessidade de preservação radical do corpo a certa importância empenhada também à memória e à história. Contudo, de acordo com a tradição religiosa egípcia, a mumificação dos corpos humanos surgiu como uma espécie de impedimento de decomposição ou destruição do corpo, bem como de instrumento de preservação da memória. Eles acreditavam que, após a morte, o corpo e a alma eram separados; que a alma da pessoa necessitava de um corpo para a vida após a morte; para sua travessia rumo ao “outro mundo”; que alma, depois da sua travessia pelo mundo dos mortos, poderia voltar novamente à vida e ocupá-lo de forma permanente. Portanto, a sobrevivência do corpo seria necessária para a sobrevivência do “ka” ou força vital; do “bá” ou alma; e do “akh” ou força divina inspiradora de vida (Pringle, 2002).

mais. Assim afirma Lange (1961):

*Começou-se por derramar sobre o rosto do defunto, envolvido em faixas, gesso líquido, ao qual se dava em seguida a forma dum rosto humano. Toscamente tratado no começo, foi essa máscara em breve modelada à semelhança do defunto. As cabeças de reserva, à entrada das câmaras fúnebres dos príncipes da IV dinastia, talvez tenham encontrado naquilo a sua origem. Seu papel devia ser o de facilitar a alma o reconhecimento de seu invólucro terrestre, quando ela regressasse de sua viagem celeste em redor da estrela polar. [...] Mais tarde estabeleceu-se o uso de cobrir os cadáveres com finas faixas sabiamente dispostas. É mais ou menos certo que essa novidade foi na origem, privilégio apenas do faraó, estendido ulteriormente a alguns altos personagens e depois a quase todos os mortos de certa classe social. [...] O emplastro grosseiro que protegia o rosto do morto e devia assegurar a permanência de sua personalidade, deu certamente origem à máscara da múmia, máscara de linho de papelão, ou mesmo de ouro puro para os reis [...]. Foi sem dúvida sob Amênofis III que a arte dos embalsamentos entrou em plena posse de todos os seus meios. [...] Sob a XXI dinastia, começou-se a injetar sob a pele do morto – ao nível do torso, do pescoço e dos membros – substâncias destinadas a dar-lhe a aparência da mais viçosa juventude. O defunto recuperava um olhar graças a “olhos” de pedra preciosa ou de vidro, encaixados sob as pálpebras; as faces e as narinas eram estofadas e a pele revestida dum brilho acetinado e de uma maciez [...]. (Lange, 1961, p. 118-119).*

Esta passagem nos permite cogitar que os egípcios estavam cientes da finitude da vida e da decorrente corrupção decompositora do corpo. As técnicas de preservação do corpo humano impressionaram os pesquisadores do século XX, assim como espantavam os antigos gregos. Novamente recorrendo a Lange (1961, p.119): “os mortos pomposamente trajados, arrebicados, penteados, perfumados”, caminhavam para a eternidade, buscando adentrar no reino celeste e conquistar a eternidade para um dia voltar a reinar na terra.

Refletindo sobre as lições de Shore (1987), Keidy Narely Costa Matias, (2015, p. 170), chama atenção para o fato de que:

*A ideia de modificação constante, de passar de um estado a outro, permeia o Livro dos Mortos de modo a colocar a experiência do movimento como algo fundamental à continuação da vida. Estar parado, estático, era algo a ser negado, dada a estreita associação dessa condição com a morte. Em outras palavras, a imobilidade do morto deveria ser negada a partir da restituição de seus movimentos – tanto dos seus membros quanto de suas ações; o próprio ato de consultar o Livro dos Mortos não deixa de ser também uma ação.*

Seja como for e ainda seguindo a argumentação de Lange, estamos diante de uma civilização complexa, com nível elevado de religiosidade. Ademais, não era somente a preservação que lhes interessava, também o contato com os deuses e uma viagem Além-túmulo, cercada de proteções consideradas necessárias. Além disso, não faltavam demônios

“de caráter particular e difícil de definir” (Ibdem), aos quais são dirigidas palavras que lhes são próprias, como verificável no Livro dos Mortos, donde, dentre outros, referenciamos os capítulos: XXXIII – Para conjurar os Demônios-Serpentes; XXXVII – Invocação a Isis e a Néftis; XXXIX – Para conjurar o Demônio Apopi; XL – Para conjurar o Demônio Am-aa; XCV – Para aproximar-se de Thoth; CIII – Para permanecer junto à deusa Hathor; CXXVI – Hino aos quatro Espíritos Superiores; CXXVII – Hino à glória de Osíris; CLXIII – Encantamentos a fim de impedir que o corpo do morto sofra alterações e desgraças no Mundo Inferior; para protegê-lo dos ataques dos Espíritos que devoram as almas aprisionadas no Duat.<sup>14</sup> Assim, o conhecimento dos “spell” – conforme informa Shore via Matias (2015, p. 170) – que acompanhavam as vinhetas “garantiria uma passagem segura por essa terra mítica e misteriosa, habitada por divindades e espíritos, tanto amigáveis quanto hostis”.

Voltando aos estudos de Lange (1961), os mortos requeriam cuidados de seus descendentes ou serviços dos sacerdotes ligados à pessoa do defunto. No Livro dos Mortos encontramos capítulos que orientavam os mortos a fazer oferendas e encantamentos para proteção dos perigos do Além-túmulo. Exemplo disso são o capítulo X – Um encantamento contra os inimigos; o capítulo XXIV – Um encantamento para o morto; o capítulo XXXII – Encantamentos para conjurar os Espíritos com Cabeça de Crocodilo e o capítulo CVI – Para receber oferendas.<sup>15</sup>

Ainda assim nada parece ser mais importante do que o capítulo primeiro, orientação fundamental para os mortos. Nele encontramos as palavras mágicas que devem ser pronunciadas pelo morto no dia da sepultura, no momento em que a alma, separada do corpo, entra no Além:

*Salve, oh! Osíris! Touro do Amente! Eis que Thoth, Príncipe da Eternidade, fala pela minha boca! Na verdade, eu sou o grande deus que acompanha em sua rota a Barca Celeste! Chego agora para lutar ao teu lado, oh, Osíris!, pois eu sou uma dessas antigas divindades que, quando chega a Pesada das Palavras, fazem Osíris triunfar de seus inimigos. Agora, oh Osíris! Vivo no que te rodeia, da mesma forma que os outros deuses, nascido da deusa Nut, que liquidam teus inimigos e capturam os demônios. Pois eu faço parte do seu séquito, oh Horus! Parto para o combate em teu nome. Eu sou Thoth que faz Osíris triunfar de seus inimigos enquanto no grande santuário de Heliópolis são pesadas as palavras. Na verdade, eu sou Djedi, filho de Djedi: Minha Mãe, Nut, me concebeu e me trouxe ao Mundo na cidade de Djedu. Eu sou daqueles que se lamentam e choram por Osíris na região de Rekht e que fazem Osíris triunfar de seus inimigos. Ra enviou Thoht para que Osíris triunfe de seus inimigos. Mas eis que Thoth me faz triunfar, a mim, de meus inimigos. Mas eis aqui que thot me faz triunfar, a mim, de meus inimigos. No dia em que a Múmia real de Osíris é vestida eu me encontro ao lado de Horus e faço brotar os mananciais de água para purificar “o Ser-divino-do-Coração-Cativo. E eis que descero o ferrolho da Porta que se abre ante os Mistérios do Mundo Inferior. Estou ao lado de Horus*

<sup>14</sup> Livro dos Mortos, p. 52-221.

<sup>15</sup> Idem, p. 43-119.



*quando, na cidade de Sekhen, arrebatada dos inimigos o braço esquerdo de Osíris. Entro e circulo, ileso, por entre as divindades flamejantes no dia em que os demônios são destruídos em Sekhen. Acompanho Horus durante as festas de Osíris. Faço oferendas no templo de Heliópolis no sexto dia da festa de Denit. Agora sou sacerdote em Djedu, encarregado das libações. E eis o dia em que a Terra está no auge. E eis que ante mim surgem os Mistérios de Re-Staú. Em Djedu, recito fórmulas consagradas a Osíris, pois, sacerdote dos mortos, ocupo-me deles. Sou grande Amo do saber mágico, no momento em que navega o barco do Deus Sokari. Nas cerimônias, recebo uma pá para furar a terra de Herakleópolis. Oh vós, Espíritos divinos, que fazeis entrar as Almas perfeitas na sacrossanta morada de Osíris, deixa seguir a vosso lado a minha Alma perfeita! Deixai-me entrar no Santuário de Osíris! Que eu possa ouvir como vós ouvis, ver como vós vedes, permanecer à minha vontade, de pé ou sentado! Oh, vós que levais oferendas às almas perfeitas na mansão sacrossanta de Osíris, trazei oferendas consagradas para que minha Alma viva! Oh vós, Espíritos divinos, que abris o Caminho e afastais os obstáculos, abri o Caminho à minha Alma para a morada de Osíris! Que ela possa ali penetrar com toda a segurança! Que possa sair dela em paz! Que não seja repelida à entrada e obrigada a voltar atrás! Que possa entrar e sair à sua vontade e que sua palavra de Potência seja vitoriosa! Que suas ordens sejam executadas na morada de Osíris! Oh vós, Espíritos divinos, olhai: eis que minha Alma caminha a vosso lado. Ela vos fala: como vós também está santificada, pois a Balança do Juízo se pronunciou a seu favor. [...] Eis que chego à região da Verdade- Justiça. Em minha cidade de divindade viva recebo uma coroa; é grande o meu esplendor entre os deuses que me rodeiam, pois sou seu igual, seu irmão. [...]”<sup>16</sup>*

De acordo com o Livro dos Mortos, se a pessoa ainda em vida aprendesse este capítulo e soubesse escrever suas súplicas nas paredes de seu ataúde poderia entrar ou sair de sua morada ou “Mansão” à vontade, sem que nenhuma entidade ou espírito pudesse opor resistência. Além disso, “pão, cerveja e carne estariam à sua disposição no altar de Ra; habitaria os campos de Sekht-iaru, cujas colheitas de trigo e cevada seriam com ele compartilhadas”; seria forte e próspero como fora na Terra.<sup>17</sup>

Os ritos funerários no Antigo Egito eram abundantes. Esta “Mitologia Funerária”, segundo Eliade (2010), continha um apanhado de fórmulas e ações gravadas nas câmaras funerárias das pirâmides, nos sarcófagos etc. O destino do rei morto, por exemplo, era o reino celeste, ao lado dos deuses. Contudo, estes textos religiosos permitiram que, com o passar do tempo, os simples mortais pudessem também se beneficiar de uma existência ao lado dos deuses.

Completando os ensinamentos presentes no Livro dos Mortos e nos Textos das

<sup>16</sup> *Idem*, p. 23-25.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 25-26.



Pirâmides contamos, ainda, com o Livro dos Sarcófagos,<sup>18</sup> o Livro dos Dois Caminhos,<sup>19</sup> o Livro dos Portões dentre outros. Todos com a intenção de guiar os mortos no além-túmulo, uma vez que, para o morto, a morte constituía um ponto de partida para sua viagem celeste e para sua imortalização.

Ressalte-se ainda que, em todos estes textos, o deus sol, Ra, divide o reino do Mundo dos Mortos com o deus Osíris. Trata-se, como afirma Mircea Eliade (2010), de uma combinação de uma existência Além-túmulo Celeste com uma Ctônica, pois a morte envolvia, como bem ressalta o autor, um dos deuses mais populares do Egito Antigo: Osíris, aquele que detém um espaço misterioso, localizado no poente sob a terra, onde este deus é o Senhor (Eliade, 2010, p. 101).

Segundo Quesnel (1993), existem várias fontes e versões sobre o mito de Osíris, entretanto a mais difundida é sustentada por Plutarco (século I d.C.), em seu *De Isid et Osirede*. Ali, Osíris é apresentado como o filho de Geb e de Nut, tendo como irmãos Isis (também sua esposa), Néftis e Seth. Nesta versão, Osíris ainda é apresentado como aquele que havia ensinado aos homens todos os recursos e técnicas necessários à civilização — agricultura, domesticação de animais etc. Seth, irmão do deus, idêntico a ele, era sombrio, cruel, ciumento, orgulhoso, irritável e invejoso; governava o deserto. Osíris, alvo de um plano maldoso de Seth, foi convencido a entrar num sarcófago. Assim que o mau irmão atingiu seu propósito, selou a arca e atirou-a nas águas do Nilo. Ísis, desesperada com o sucedido, depois de percorrer um longo caminho em busca de Osíris, conseguiu recuperar o corpo de seu irmão-amante — cujo ka (parecido com aquilo que compreendemos por alma, mas profundamente distinto da compreensão judaico-cristã cristalizada no Ocidente contemporâneo) descera ao reino dos mortos — e se dispôs a ressuscitá-lo sobrevoando o cadáver (a tradição refere que foi nessas condições que concebeu Hórus, filho e vingador do herói). Antes que a deusa terminasse seu trabalho de ressurreição, Seth escondeu o corpo de Osíris e, para assegurar-se do êxito nessa segunda tentativa, cortou-o em quatorze pedaços, lançando-os novamente às águas. Com a ajuda de Néftis, Ísis conseguiu mais uma vez recuperar o ka de seu amante, resgatando-o do Reino dos mortos para, em seguida, dedicar-se à paciente tarefa de reconstituir o corpo mutilado. Chegou praticamente a concluir sua obra, mas faltava o falo de Osíris, que tinha sido devorado pelos peixes do Nilo. Quando Hórus (deus do clã do falcão, promovido com o tempo a Senhor da Morte, e muito provavelmente a rei unificador em tempos pré-dinásticos) vingou o pai derrotando Seth, não o matou, antes, submeteu-o ao tribunal de Enéada. Esta tampouco condenou-o à morte. Devia, ao contrário, suportar o peso de Osíris por toda a eternidade e, para encerrar o ciclo de identificação com sua vítima, ser emasculado. Osíris, então, passou a governar o mundo dos mortos.

<sup>18</sup> Este conjunto de textos recebeu este nome pelo fato de terem sido escritos à tinta, no interior dos sarcófagos de madeira, durante o Médio-Império (2040-1782 a. C.), particularmente nas Necrópoles de Beni Hassan e El-Bershech. Foram inspirados diretamente nos *Textos das Pirâmides*, aos quais se adicionou um grande número de capítulos suplementares e rubricas, a fim de dar uma forma mais coerente ao texto. Essencialmente trata-se da viagem do morto no outro mundo celeste junto com Rê e os meios mágicos necessários para evitar o ataque dos inimigos. Era destinado aos simples mortais. (Brancaglion Jr., 1994, p. 30).

<sup>19</sup> Livro composto com ilustrações retiradas das grandes obras cosmográficas do Novo Império. O primeiro livro, o Livro do Mundo Inferior, foi chamado de Livro do Amduat, embora seu título original fosse O que está no Mundo Inferior. Este livro descrevia a jornada do deus sol em sua barca pelas doze horas da noite, para nascer na última hora, através do corpo de uma serpente, para uma nova vida ao amanhecer (Brancaglion Jr., 1994, p. 30).

Como vimos, Osíris tornou-se o deus soberano dos mortos; ele é um “deus morto”, pois “foi assassinado” e “lançado nas águas”. Porém, é aquele que renasce e governa com total justiça o mundo dos mortos; tornou-se progressivamente o modelo exemplar para os soberanos e para cada simples mortal que habitava o Antigo Egito (Quesnel, 1993). Osíris aparece nos Textos das Pirâmides, no Livro dos Sarcófagos, bem como no Livro dos Mortos como aquele que preza a ética, a verdade, a esperança e a justiça, tanto na vida religiosa como social; como aquele que vence a morte. Osíris tomou de Ra a função de juiz dos mortos; senhor da justiça; instalado em um palácio no “centro do mundo”. Mediante o exposto, vale a pena citar dois capítulos importantes do Livro dos Mortos: o capítulo II – Para Reviver depois da Morte e o capítulo CLXXXIII – Hino a Osíris. Em ambos o deus Osíris aparece como Príncipe da Eternidade.<sup>20</sup>

Entretanto, um dos capítulos mais interessantes do Livro dos Mortos é aquele que retrata a questão do julgamento da alma. O morto, como dito anteriormente, era cultuado, recebia todas as oferendas e libações; era instruído para o momento da travessia, para os perigos do Além-túmulo e, em especial, para o momento do julgamento para, em seguida, alcançar a morada dos deuses e eternamente tornar-se um deus.

No entanto, seu coração era julgado “numa ampla sala”, denominada “Duas Ma`at”; num prato da balança, era colocado “o coração do defunto”, no outro, “uma pena, ou um olho, símbolos da ma`at”. Durante a execução do julgamento, o morto recitava uma prece, “suplicando ao seu coração que não testemunhe contra ele”. Depois pronunciava uma “declaração de inocência”, designada “confissão negativa”, dividida em duas partes. Logo depois, o morto deveria dirigir-se aos 42 deuses que constituíam o tribunal, pronunciar saudações, elogios e pedir proteção a Osíris. O morto passava por um sério interrogatório e deveria provar que conhecia o nome secreto dos deuses, das diferentes partes da porta e do limiar e do porteiro da sala (Eliade, 2010, p. 113-116). Vejamos então, alguns fragmentos do capítulo CXXV do Livro dos Mortos:

*Oh! Maat, eis que chego diante de ti. Deixa-me, pois, contemplar tua radiante formosura! Olha! Meu braço se levanta em adoração a teu Nome sacrossanto. Oh! Verdade-Justiça, escuta! Chego aos lugares em que as árvores não vingam, em que o solo não faz surgir as plantas. Eis que penetro até os lugares dos Mistérios e que falo a Seth, o dono destes lugares. Meu guia protetor se aproxima de mim; seu rosto está coberto com um espesso véu. Tendo se prosternado diante dos lugares dos Mistérios, penetra no santuário de Osíris e contempla os Mistérios que nele se desenrolam. Eis aqui os Espíritos Guardiães dos Tanques: sua forma tem a aparência dos Espíritos dos Mortos. Escuta Anúbis que começa seu discurso. Fala dirigindo-se à esquerda e à direita na linguagem de um homem vindo da terra do Egito, que conhece os caminhos do nosso país e suas cidades. Diz: “O aroma deste homem, sente-o! Não parece um de vós”? E eu lhe respondo: “Em verdade, eu sou Osíris! Chego aqui para contemplar os deuses, os grandes, e para entrar na posse da Vida Eterna comungando com pão celestial. Vim até*

<sup>20</sup> Livro dos Mortos.

*estes limites extremos do Céu onde habita Osíris, Alma grande, Senhor do Djedu. Ele me conferiu a força dos movimentos na forma de um Espírito com cabeça de Fênix. Dotado do Verbo de Potência, mergulho nas águas correntes; fiz oferendas de incenso; dirigi-me, como um menino, até a árvore Shendet. Eis que cheguei a Ele fantina, diante do templo da deusa Satit. Fiz voltar a Barca carregada de meus inimigos. Viajei em paz pelo Lago e contemplei os Corpos gloriosos de Kam-Ur; visitei a cidade sagrada de Djedu; mas sobre isso guardo silêncio. Devolvi à divindade o uso de suas pernas. Contemplei o templo de Anúbis e experimentei em mim mesmo as Vestimentas deste deus. Atravessei o Re-staú e contemplei os Mistérios deste lugar. [...] Recebi para ungir-me unguento das mulheres e me foram ensinadas as Palavras de Potência dos Iniciados". Eis Seth que me fala à sua maneira. Eu lhe respondo: "Tua balança, em verdade, está em nosso Coração, onde há que buscá-la". Sua Majestade Anúbis me disse: "Conheces o Nome desta Porta de modo que possas proclamá-lo diante de mim?" E eu respondo: "O-deus-Shu-o-destruidor – eis o Nome dessa Porta". Sua Majestade Anúbis disse: "Conheces o Nome do Gonzo Superior desta Porta e o do Gonzo Inferior?" Eu respondo: "O-Senhor-da-Verdade-e-da-Justiça-sobre-suas-pernas" é o Nome do Gonzo Superior. "O-Senhor-da-Dupla-Potência-Domador-do-Gado" é o Nome do Gonzo Inferior". Sua Majestade Anúbis diz: "Passa, então, já que conheces esses Nomes mágicos." Entrando na Dupla Sala da Verdade-Justiça, o morto pronunciará o que segue, a fim de desembaraçar-se de seus pecados e poder contemplar os deuses.*

*A Confissão negativa I (Papiro Nu). Salve, deus grande, Senhor da Verdade e da Justiça, Amo poderoso: eis-me chegando diante de ti! Deixai-me, pois, contemplar tua radiante formosura! Conheço teu Nome mágico e os das quarenta e duas divindades que te rodeiam na vasta Sala da Verdade-Justiça, no dia em que se presta conta dos pecados diante de Osíris; o sangue dos pecadores (sei também) lhes serve de alimento. Teu Nome é: "O-Senhor-da-Ordem-do-Universo-cujos-dois-Olhos-são-as-duas-deusas-irmãs". Eis que trago em meu Coração a Verdade e a Justiça, pois que arranquei dele todo o mal. Não causei sofrimento aos homens. Não empreguei violência com meus parentes. Não substituí a Injustiça pela Justiça. Não frequentei os maus. Não cometi crimes. Não trabalhei em meu proveito com excesso. Não intriguei por ambição. Não maltratei meus servidores. Não blasfemei contra os deuses. Não privei o indigente de sua subsistência. Não cometi atos execrados pelos deuses. Não permiti que um servidor fosse maltratado por seu amo. Não fiz ninguém sofrer. Não provoquei o homem. Não fiz chorar os homens meus semelhantes. Não matei e não mandei matar. Não provoquei enfermidade entre os homens. Não subtrai oferendas dos templos. Não roubei pães dos deuses. [...] Sou puro! Sou puro! Sou puro! Fui purificado como foi a grande Fênix de Herakleópolis.[...] Pois eu conheço o Nome desses deuses que contornaram Maat, a grande divindade da Verdade-Justiça.*

*A Confissão Negativa II (Papiro Nebseni) 1. Oh tu, Espírito, que marchas a grandes passadas e que surges em Heliópolis, escuta-me! Eu não cometi ações perversas. 2. Oh! Tu, Espírito, que te manifestas em Kar-aha e cujos braços estão rodeados de um fogo que arde! Eu não trabalhei com violência. [...] 40. Oh tu, Neheb-Kau, que sais da cidade!*



*Não intriguei jamais nem me fiz valer. 41. Oh tu, Espírito, cuja cabeça está santificada e que sais de teu esconderijo! Sabe: não me enriqueci de modo ilícito. 42. Oh tu, Espírito, que sais do Mundo Inferior e levas diante de ti teu braço cortado! Eu jamais desdenhei dos deuses de minha cidade.*

*Diante dos Deuses do Mundo Inferior (Papiro Nu) [...] Eu me purifiquei de todos os meus pecados. Sou alheio às imperfeições dos homens que obedecem aos impulsos do momento. Não, eu não sou deles! – Eu te anunciarei à divindade que é protegida, se me disseres ainda o seguinte: qual é o Nome da divindade protegida pelo Céu de Fogo, que está cercada por uma muralha de deusas-Serpentes e que descansa sobre as superfícies das Águas correntes? Quem é? – É Osíris! – Atravessa o Umbral! Em verdade, poderei anunciar-te. Aprende, pois! O Pão de tua Comunhão, o Vinho de tua Comunhão e todas as oferendas sepulcrais que te são destinadas, são emanações do Olho de Ra!<sup>21</sup>*

O processo de Julgamento e Salvação estava repleto de obstáculos. Trata-se de um momento no qual o morto deveria passar por uma série de provações — combater monstros, demônios; portas para abrir; saber os Nomes de cada obstáculo, dos deuses; “cruzar os 21 pilares, passar pelas 15 entradas e cruzar as sete salas esperando chegar até Osíris e os 42 juízes que iriam julgá-lo”; teria ainda que fazer uma longa Confissão para, no final, tornar-se um ser puro e digno da glória dos deuses — “dado o potencial mágico que este Livro apresentava”.<sup>22</sup>

Sintetizando a interpretação de Paul Barget, Matias (2015, p. 170) apresenta a seguinte divisão para o Livro dos Mortos:

1. Capítulos 1 a 16: «Sair à luz do dia» (prece); caminhada em direção à necrópole, hinos ao sol e a Osíris.
2. Capítulos 17 a 63: «Sair à luz do dia» (regeneração); triunfo e realização; impotência dos inimigos; poder sobre os elementos.
3. Capítulos 64 a 129: «Sair à luz do dia» (transfiguração); poder de se manifestar sob diversas formas, de utilizar a barca do sol, de conhecer certos mistérios. Retorno à tumba; julgamento diante do tribunal de Osíris.
4. Capítulos 130 a 162: textos de glorificação do morto, a serem lidos no curso do ano, em certos dias de festa, para o culto funerário; serviço de oferendas. Preservação da múmia pelos amuletos [funerários].

E, adiante, insistirá na dimensão cinética assumida pelo morto. Diante desse contexto, Mircea Eliade (2010), afirma que o morto, vivendo no Além-túmulo um momento de tensão entre o “privilégio”, a “sabedoria iniciatória” e “boas ações”, temia ainda os perigos de uma “segunda morte” (cf. capítulos XLIV, CXXX, CXXXV, CXXXVI, CLXXV, CLXXVI do Livro dos Mortos), bem como ainda a “perda da memória” (cf. capítulo XC) e a incapacidade de lembrar-se do próprio nome (cf. capítulo XXV) (Eliade, 2010, p. 114). Portanto, o momento de travessia, bem como o do julgamento, era uma espécie de aprovação que todos os mortos teriam que passar.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 135-145.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 11.

Por fim, nas palavras de Lange (1961), “a nova vida do bem-aventurado nos é descrita nos Campos Paradisiacos do Além”. O defunto deveria abrir para si um caminho entre todos os perigos que lhe seriam apresentados, graças às Palavras de Potência. Era preciso cruzar a Porta do Céu e alcançar as “margens bem-aventuradas” em que “crescem a cevada, a espelta e todas as árvores frutíferas” (Lange, 1961, p. 139).

Assim sendo, a tradição egípcia nos revela um Além em representação ideal da Terra e do Céu, povoado por mortos, cujas condições após vida deveriam ser asseguradas. Os defuntos tinham a necessidade de alcançar a “Vida Celestial”. Não podiam prescindir de sua morada nem de seus campos de cultivo, mananciais, vestimentas, objetos de luxo, instrumentos e utensílios de uso cotidiano. Tinham que satisfazer suas necessidades, como matar a sede e a fome que sentiam no Além-túmulo. Mas, o mais importante era a conservação do corpo e a proteção contra os inimigos. Entretanto, o “Ka do Morto” (estranha dualidade do morto: Alma e Guardião, Corpo Vital e Gênio Protetor), exigia sacrifícios e um serviço sacerdotal permanente, para que assim, no momento do Julgamento, Osíris concedesse a Verdade-Justiça ao morto, como ressalta o Livro dos Mortos.<sup>23</sup> Trata-se, portanto, de uma sociedade que espalhou por toda a parte a idealização tradicional da morte, da vida, do julgamento e da salvação.

## Referências bibliográficas

BAKOS, Margareth Marchiori. Relações nem sempre amistosas: os egípcios e seus mortos. *Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, v. 7/8, n. 1, p. 15-24, 1994.

BRANCAGLION JR, Antônio. O eufemismo da morte no Antigo Egito. *Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, v. 7/8, n. 1, p. 25-32, 1994.

\_\_\_\_\_. O Livro dos Mortos do Egito Antigo. In: RUGGERI, Maria Carolina Duprat (Org). *Seminário de Pesquisa em História da Arte – Cadernos de Pesquisa II*. São Paulo: Curso de Especialização em História da Arte; FAAP, s/p, 2009.

CAMPAGNO, Marcelo. Notas sobre espacio, tiempo y alteridad en el Antiguo Egipto. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e OLIVEIRA, Haydes (Orgs.). *Tempo e espaço no Antigo Egito*. Niterói: UFF, 25-57, 2011.

DAVID, Rosali. *Religião e magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011. 632p.

DONADONI, Sergio. *O morto*. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *O homem egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, p. 216-236, 1994.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Vol. I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010. 440p.

KEMP, Barry. *El Antiguo Egipto. Anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1996. 451p.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 243.

LANGE, Kurt. *Pirâmides, Esfinges e Faraós*. Trad. Oscar Mendes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA., 1961. 294p.

MATIAS, Keidy Narelli C. Um espelho de Kemet: Experiência e espaço no Livro dos Mortos. In: BRANCAGLION Jr. Antonio; LEMOS, Renan de Souza e SANTOS, Raizza dos (Orgs.). *SEMNA – Estudos de Egiptologia II*. Rio de Janeiro: Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, p. 165-174, 2015.

PRINGLE, Heather. *O Mundo das Múmias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 291p.

QUESNEL, Alain et al. *O Egito: Mitos e Lendas*. São Paulo: Ed. Ática, 1993. 48p.

SPENCER, A. Jeffrey. *Death in Ancient Egypt*. London: Penguin Books, 1982. 256p.

*Recebido em: 01 de novembro de 2017*

*Aprovado em: 01 de fevereiro de 2018*

